

O PRINCIPE SERPENTE



LIVRO

VI

IRIS



ELIZABETH HOYT

ELIZABETH HOYT

O PRÍNCIPE
SERPENTE

LIVRO TRÊS

Tradução de
Ana Resende e Carolina Simmer

1ª edição



EDITORA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2017

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

H849p

Hoyt, Elizabeth, 1970-

O príncipe serpente [recurso eletrônico] / Elizabeth Hoyt ; tradução
Ana Resende , Carolina Simmer. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Record, 2017.

recurso digital ; epub (Trilogia dos príncipes ; 3)

Tradução de: The serpent prince

Sequência de: O príncipe leopardo

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-85-01-11272-9 (recurso eletrônico)

1. Romance americano. 2. Livros eletrônicos. I. Resende, Ana. II.
Simmer, Carolina. III. Título. IV. Série.

17-45569

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

Título em inglês:

The Serpent Prince

Copyright © 2007 by Nancy M. Finney

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de
quaisquer meios. Os direitos morais da autora foram assegurados.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos
pela

EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina, 171 – 20921-380 – Rio de Janeiro, RJ – Tel.: (21) 2585-2000, que se
reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil



EDITORA AFILIADA

ISBN 978-85-01-11272-9

Seja um leitor preferencial Record.

Cadastre-se em www.record.com.br e receba informações
sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:
mdireto@record.com.br ou (21) 2585-3940.

*Para JADE LEE, companheira crítica que tem de tudo:
café, chocolate e sabedoria... não necessariamente
nessa ordem.*

Agradecimentos

Agradeço à Melanie Murray, uma editora maravilhosa e sábia, e à minha agente, Susannah Taylor, por sempre prestar atenção nos detalhes.

Sumário

[Capítulo Um](#)

[Capítulo Dois](#)

[Capítulo Três](#)

[Capítulo Quatro](#)

[Capítulo Cinco](#)

[Capítulo Seis](#)

[Capítulo Sete](#)

[Capítulo Oito](#)

[Capítulo Nove](#)

[Capítulo Dez](#)

[Capítulo Onze](#)

[Capítulo Doze](#)

[Capítulo Treze](#)

[Capítulo Catorze](#)

[Capítulo Quinze](#)

[Capítulo Dezesseis](#)

[Capítulo Dezesete](#)

[Capítulo Dezoito](#)

[Capítulo Dezenove](#)

[Capítulo vinte](#)

Capítulo Um

MAIDEN HILL, INGLATERRA
NOVEMBRO DE 1760

O homem morto aos pés de Lucinda Craddock-Hayes parecia um deus caído. Apolo, ou mais provavelmente Marte, o que trazia a guerra, depois de assumir a forma humana e cair do céu para ser encontrado por uma donzela a caminho de casa. Só que deuses quase nunca sangravam.

Nem morriam, para falar a verdade.

— Sr. Hedge — chamou Lucy por cima do ombro.

Ela olhou ao redor da estrada solitária que ia de Maiden Hill até a casa dos Craddock-Hayes. Parecia a mesma de antes de sua descoberta: deserta, a não ser por ela, o laçao, que a seguia sem fôlego, e o cadáver na vala. O céu estava pesado e cinzento. O dia já começava a escurecer, apesar de ainda não ser nem cinco horas. Árvores sem folhas ladeavam a estrada, silenciosa e fria.

Lucy estremeceu e enrolou mais o xale em volta dos ombros. O homem morto estava esparramado, nu, machucado e com o rosto virado para baixo. Suas costas largas eram marcadas por uma crosta de sangue no ombro direito. Logo abaixo, quadris estreitos, pernas peludas e musculosas, pés ossudos e curiosamente elegantes. Ela piscou e voltou a olhar para o rosto dele. O homem era belo mesmo morto. A cabeça, ligeiramente virada para o lado, revelava um perfil aristocrático: nariz comprido, maçãs do rosto salientes e uma boca larga. Uma das sobrancelhas, pairando acima do olho fechado, era dividida por uma cicatriz. O cabelo claro cortado bem curto se grudava à cabeça, a não ser pelo local onde estava embaraçado pelo sangue. Sua mão esquerda pendia acima da cabeça, e, no dedo indicador, via-se a marca de onde antes havia um anel. Os assassinos provavelmente o roubaram junto com

o restante de seus pertences. A lama em volta do corpo havia sido pisoteada, e uma marca profunda do salto de uma bota se encontrava ao lado do quadril do falecido. Além disso, não havia sinal de quem o tinha jogado ali como se ele fosse lixo.

Lucy sentiu lágrimas bobas brotarem em seus olhos. Algo no modo como o homem havia sido deixado ali, nu e desonrado pelos assassinos, parecia um insulto terrível. Era tão triste. *Sua tola*, repreendeu-se ela e então se deu conta de um resmungo ficando mais alto. Rapidamente, limpou a umidade das bochechas.

— Primeiro, ela visita os Jones e todos os pequenos Jones, aqueles moleques catarrentos. Então, nós seguimos colina acima até a velha Hardy. Que mulherzinha terrível, não sei como ainda não bateu as botas. E pensa que acabou? Não, isso não foi nem metade. Então, *então*, ela tem que visitar as pessoas no vicariato. Enquanto eu carrego aqueles potes enormes de geleia.

Lucy controlou a vontade de revirar os olhos. Hedge, seu criado, usava um tricórnio seboso puxado sobre uma massa de cabelos grisalhos. O casaco e o colete empoeirados estavam igualmente surrados, e ele havia escolhido destacar suas pernas tortas com meias escarlate bordadas; sem dúvida, roupas velhas do pai dela.

Ele parou de supetão ao lado da patroa.

— Ah, Deus, se não é um defunto!

Em sua surpresa, o homenzinho se esquecera de se encurvar, mas, quando Lucy virou para ele, o corpo rijo desmontou diante de seus olhos. As costas se curvaram, o ombro que suportava o terrível peso da cesta agora vazia caiu, e a cabeça pendeu para o lado, apática. Como *pièce de résistance*, Hedge pegou um lenço quadriculado e laboriosamente limpou a testa.

Lucy ignorou toda a cena. Ela já vira aquele ato centenas, talvez milhares, de vezes em sua vida.

— Não tenho certeza se chega a ser um *defunto*, mas não deixa de ser um corpo.

— Bem, melhor não ficarmos aqui parados olhando. Os mortos devem descansar em paz, é o que eu sempre digo. — Hedge fez menção de passar por ela.

Lucy se colocou em seu caminho.

— Não podemos simplesmente deixá-lo aqui.

— Por que não? Ele estava aqui antes de a senhorita encontrá-lo. E nós não o teríamos visto se tivéssemos pegado o atalho, como eu sugeri.

— No entanto, nós o encontramos. O senhor poderia me ajudar a carregá-lo?

Hedge cambaleou para trás, visivelmente chocado.

— Carregá-lo? Um sujeito desse tamanho? Não, a menos que a senhorita queira me deixar aleijado. Minhas costas já estão bastante ruins, faz vinte anos que sofro da coluna. Eu não reclamo, mas ainda assim...

— Muito bem — disse Lucy. — Teremos que pegar uma carroça.

— Por que não o deixamos em paz? — protestou o homenzinho.
— Alguém vai encontrá-lo em breve.

— Sr. Hedge...

— Ele foi golpeado no ombro e está todo sujo de sangue. Isso não parece nada bom. — Hedge fez uma careta que o fazia parecer uma abóbora podre.

— Tenho certeza de que ele não pretendia ser golpeado no ombro ou em qualquer outro lugar, então não creio que possamos culpá-lo por isso — repreendeu-o Lucy.

— Mas ele já começou a feder! — Hedge balançou o lenço na frente do nariz.

Lucy não mencionou que não havia sentido cheiro nenhum até aquele momento.

— Vou esperar aqui enquanto o senhor busca Bob Smith com a carroça.

As grossas sobrancelhas grisalhas do criado se juntaram em um iminente protesto.

— A menos que o senhor prefira ficar aqui com o corpo?

Então as sobrancelhas de Hedge se afastaram.

— Não, senhorita. A senhorita sabe o que está fazendo, tenho certeza. Eu vou até o ferreiro...

O defunto gemeu.

Lucy olhou para baixo, surpresa.

Ao lado dela, Hedge pulou e exclamou o óbvio:

— Jesus Todo-poderoso! O homem não está morto!

Meu Deus. E ela estivera brigando com Hedge esse tempo todo. Lucy retirou seu xale e o jogou sobre as costas do homem.

— Me dê seu casaco.

— Mas...

— Agora! — Lucy nem se deu ao trabalho de olhar para Hedge. Ela raramente se irritava, o que tornava aquele tom de voz ainda mais efetivo quando empregado.

— Ahhh — gemeu o criado, mas jogou o casaco para ela.

— Vá chamar o Dr. Fremont. Diga que é urgente e que ele deve vir imediatamente. — Lucy encarou os olhos de conta do criado com uma expressão severa. — E, Sr. Hedge?

— Sim?

— Corra, por favor.

Hedge largou a cesta e partiu, andando surpreendentemente rápido e esquecendo as dores nas costas.

Lucy se abaixou e cobriu as nádegas e as pernas do homem com o casaco de Hedge. Ela colocou a mão debaixo do nariz dele e esperou, praticamente sem respirar, até sentir o leve sopro do ar. De fato, ele estava vivo. Ela se agachou e refletiu sobre a situação. O homem jazia na vala, sobre lama semicongelada e ervas daninhas — ambas frias e duras. Aquilo não poderia ser bom para ele, levando em conta seus ferimentos. Mas, como Hedge observara, o homem era grande, e ela não tinha certeza se conseguiria movê-lo sozinha. Lucy puxou uma parte do xale que cobria as costas dele. O sangue coagulado e seco formara uma casca sobre a ferida no ombro; para seus olhos inexperientes, a hemorragia já parecia ter parado. Hematomas se formavam nas costas e no lado do corpo. Só Deus sabia como estava a parte da frente.

E ainda havia o ferimento na cabeça.

Lucy balançou a cabeça. Ele estava imóvel e pálido. Não era de admirar que ela o tivesse tomado por um cadáver. Hedge poderia ter ido buscar o Dr. Fremont bem antes, em vez de ficar discutindo sobre o pobre homem com ela.

Lucy colocou novamente a palma da mão sobre os lábios do homem, para verificar sua respiração, que era leve, mas constante. Ela roçou as costas da mão sobre a bochecha fria. A barba por fazer, quase imperceptível, arranhou seus dedos. Quem era ele?

Maiden Hill não era tão grande a ponto de um estranho passar despercebido. Ainda assim, ela não ouvira qualquer fofoca sobre nenhum visitante em seus passeios esta tarde. De alguma forma, ele aparecera ali na estrada sem que ninguém notasse. Além disso, o homem obviamente fora espancado e roubado. Por quê? Seria ele apenas uma vítima ou, de alguma forma, fizera por merecer aquele destino?

Lucy se abraçou ao ter este último pensamento e rezou para que Hedge se apressasse. A luz do dia estava diminuindo e, com ela, também ia embora o pouco de calor. Um homem ferido e deixado ao acaso por sabe-se lá quanto tempo... Ela mordeu o lábio.

Se Hedge não voltasse logo, não haveria necessidade de um médico.

— Ele está morto.

As palavras duras, ditas ao lado de Sir Rupert Fletcher, soaram altas demais no lotado salão de baile. Ele olhou ao redor para ver quem estava perto o suficiente que pudesse ter ouvido; em seguida, se aproximou do locutor, Quincy James.

Sir Rupert agarrou a bengala de ébano com a mão direita, tentando não demonstrar sua irritação. Ou sua surpresa.

— Como assim?

— É isso mesmo. — James deu um sorriso irônico. — Ele está morto.

— Você o matou?

— Eu, não. Mandei meus homens fazerem o trabalho.

Sir Rupert franziu a testa, tentando compreender a informação. James arquitetara um plano por conta própria e tivera sucesso?

— Quantos? — perguntou ele abruptamente. — Dos seus homens?

O rapaz deu de ombros.

— Três. Mais do que o suficiente.

— Quando?

— Hoje cedo. Recebi a notícia pouco antes de sair. — James abriu um sorriso insolente que formava covinhas infantis em seu rosto. Com aqueles olhos azul-claros, os traços ingleses comuns e o

porte atlético, a maioria das pessoas pensaria se tratar de um jovem calmo, até atraente.

Ideia errada.

— Imagino que a situação não possa ser relacionada a você. — Apesar de seus esforços, a irritação deve ter ficado aparente na voz de Sir Rupert.

O sorriso desapareceu do rosto de James.

— Mortos não contam histórias.

— Humpf. — *Que idiota.* — Onde foi que aconteceu?

— Na frente da casa dele na cidade.

Sir Rupert xingou baixinho. Emboscar um nobre na porta de casa em plena luz do dia era uma estupidez. Não bastava sua perna deficiente o estar infernizando aquela noite, agora James vinha com essa bobagem. Ele se apoiou mais pesadamente na bengala de ébano enquanto tentava pensar.

— Não fique aborrecido — falou James, nervoso. — N-n-ninguém viu os meus homens.

O homem mais velho arqueou as sobrancelhas. Que Deus o livrasse de aristocratas que escolhiam pensar — para não mencionar agir — por conta própria. Os lordes tradicionais vinham de linhagens preguiçosas demais para serem capazes de encontrar o próprio pênis para mijar, que dirá fazer algo tão complexo quanto planejar um assassinato.

James não tinha a menor ideia do que Sir Rupert estava pensando.

— Além disso, eles desovaram o corpo nu a meio dia de viagem de Londres. Ninguém o reconhecerá por aquelas bandas. Quando o cadáver for encontrado, não haverá muito o que reconhecer, não é? P-p-perfeitamente seguro. — O jovem levantou a mão, e, com um dedo, cutucou o cabelo dourado. Ele não o empoava, provavelmente por vaidade.

Sir Rupert tomou um gole do vinho Madeira enquanto refletia sobre os últimos acontecimentos. O salão de baile era um amontoado abafado de gente, com cheiro de cera queimada, perfumes fortes e odores corporais. As portas duplas que conduziam ao jardim haviam sido abertas para deixar entrar o ar fresco da noite, mas tinham pouco efeito no calor do recinto. O

ponche fora servido fazia trinta minutos, e ainda restavam algumas horas pela frente. Sir Rupert franziu o cenho. Ele não tinha muita esperança de que haveria mais bebidas. Lorde Harrington, seu anfitrião, era conhecido por ser avarento, mesmo quando entretinha a nata da sociedade — e uns poucos arrivistas, tal como Sir Rupert.

Um espaço estreito tinha sido aberto no meio do salão para os dançarinos, que giravam em um arco-íris. Damas com vestidos bordados e cabelos empoados. Cavalheiros com perucas e suas melhores roupas desconfortáveis. Ele não invejava os belos movimentos dos jovens. Debaixo das sedas e das rendas, eles provavelmente estavam pingando suor. Lorde Harrington ficaria satisfeito com a presença de tantos convidados tão cedo na temporada — ou melhor, Lady Harrington ficaria. A dama tinha cinco filhas solteiras e mobilizava suas forças como um soldado se preparando para a batalha. Quatro das cinco filhas estavam no salão, cada uma com o braço dado a um bom partido.

Não que ele pudesse julgar, com três filhas com menos de 24 anos. Todas já haviam finalizado os estudos, todas precisavam de bons maridos. Na verdade... Matilda chamou sua atenção a cerca de vinte passos de distância, onde conversava com Sarah. Ela arqueou uma sobrancelha e lançou um olhar significativo ao jovem Quincy James, que permanecia ao seu lado.

Sir Rupert balançou levemente a cabeça; seria melhor que uma das filhas se casasse com um cão raivoso. A comunicação entre os dois estava muito bem-desenvolvida após quase três décadas de casamento. Sua esposa virou-se graciosamente para conversar, toda animada, com outra matrona, sem revelar que se comunicara com o marido. Mais tarde naquela noite, ela poderia interrogá-lo sobre James e perguntar por que o jovem não servia, mas não sonharia em aborrecer o marido agora.

Se ao menos seus outros companheiros fossem tão circunspectos.

— Não sei por que o senhor está preocupado. — Aparentemente, James não aguentava mais aquele silêncio. — Ele nunca soube sobre o senhor. Ninguém sabe.

— E eu prefiro que continue assim — disse Sir Rupert em voz baixa. — Para o bem de todos.

— Aposto que sim. O senhor deixou que e-e-eu, Walker e os outros dois o caçassemos em seu lugar.

— Ele teria descoberto você e os outros de qualquer forma.

— Tem a-a-algumas pessoas que ainda gostariam de saber sobre o senhor. — James coçou a cabeça com tanta força que quase desfez o rabicho.

— Mas não seria do seu interesse me trair — retrucou Sir Rupert, sem emoção. E fez uma mesura para um conhecido que passava por ele.

— Não estou dizendo que eu abriria a boca.

— Ótimo. Você lucrou tanto quanto eu com os negócios.

— Sim, mas...

— Então está resolvido.

— É f-f-fácil para o senhor falar. — A gagueira de James estava se tornando mais frequente, um sinal de que o homem estava agitado. — O senhor não viu o corpo de Hartwell. A espada atravessou a garganta. Ele deve ter sangrado até a morte. Parece que o duelo durou dois minutos. Dois minutos, veja bem. T-t-terrível.

— Você é melhor espadachim do que Hartwell — falou Sir Rupert.

Ele sorriu para a filha mais velha, Julia, que começava um minueto. Ela usava um vestido de um tom vistoso de azul. Será que já o vira antes? Achava que não. Devia ser novo. Com sorte, o vestido não o levava à falência. O parceiro dela era um conde que já passara dos 40 anos. Meio velho, porém, ainda assim, um conde...

— P-p-peller era um excelente espadachim também, e ele foi m-m-morto primeiro. — A voz histérica de James interrompeu os pensamentos de Sir Rupert.

Ele falava alto demais. Sir Rupert tentou acalmá-lo.

— James...

— Desafiado à noite e m-m-morto antes do café na manhã do dia seguinte!

— Eu não creio...

— Ele perdeu três d-d-dedos tentando se defender depois que a e-e-espada foi arrancada de sua mão. Eu tive que procurar por eles na g-g-grama depois. Meu D-D-Deus! Não gosto nem de lembrar.

Algumas pessoas se viraram na direção dos dois. O tom do jovem ficava cada vez mais alto.

Hora de se separar.

— Acabou. — Sir Rupert virou a cabeça, olhou para James e tentou acalmá-lo.

O outro homem tinha um tique no olho direito. Ele inspirou e fez menção de começar a falar.

Sir Rupert se adiantou, com a voz calma:

— Ele está morto, você acabou de me dizer isso.

— M-m-mas...

— Portanto, não temos que nos preocupar com mais nada.

Sir Rupert fez uma mesura e saiu mancando. Ele precisava urgentemente de outra taça de vinho.

— Ele não vai ficar na minha casa — anunciou o capitão Craddock-Hayes, com os braços cruzados diante do peito imenso e os pés afastados, como se estivesse no convés de um navio em movimento. A cabeça com peruca estava erguida, e os olhos azuis da cor do mar fitavam o horizonte distante.

Ele estava de pé no saguão de entrada da casa dos Craddock-Hayes. Normalmente, o espaço era amplo o suficiente para a família. Naquele momento, porém, o cômodo parecia ter encolhido em proporção inversa ao número de pessoas que continha, pensou Lucy pesarosamente, e o capitão estava justamente no centro.

— Sim, papai. — Ela se esquivou dele e fez um sinal para que os homens que carregavam o estranho se aproximassem. — No quarto do meu irmão, no andar de cima, acho. Concorda comigo, Sra. Brodie?

— Claro, senhorita. — A governanta dos Craddock-Hayes assentiu com a cabeça. O babado de sua touca, que emoldurava as bochechas vermelhas, balançou com o movimento. — A cama já foi feita, e eu posso acender a lareira num piscar de olhos.

— Ótimo. — Lucy sorriu em aprovação. — Obrigada, Sra. Brodie.

A governanta subiu correndo a escada, o traseiro grande balançando a cada passo.

— Você nem sequer sabe quem é o sujeito — emendou o pai. — Talvez seja um mendigo ou um assassino. Hedge falou que ele foi

esfaqueado nas costas. E eu lhe pergunto: que tipo de homem é esfaqueado? Hein? Hein?

— Não faço ideia — respondeu Lucy, automaticamente. — O senhor se importa de dar licença para que os homens possam passar com ele?

O pai, obedientemente, se encostou na parede.

Os trabalhadores arfavam com o esforço de entrar carregando o desconhecido ferido. Ele estava completamente imóvel, o rosto pálido como a morte. Lucy mordeu o lábio e tentou não demonstrar ansiedade. Ela não conhecia o homem, nem sequer sabia a cor de seus olhos; ainda assim, para ela era de vital importância que ele sobrevivesse. Ele fora posto sobre uma maca improvisada para facilitar sua locomoção, mas era óbvio que sua altura e seu peso dificultavam a manobra. Um dos homens soltou um palavrão.

— Não permitirei esse tipo de linguagem em minha casa. — O capitão encarou o sujeito em questão com expressão severa.

O homem corou e resmungou um pedido de desculpas.

O capitão assentiu.

— Que tipo de pai eu seria se permitisse um cigano ou um vagabundo no meu lar com uma jovem solteira em casa, hein? Um pai horroroso, isso sim.

— Sim, papai. — Lucy prendeu a respiração quando os homens começaram a levar o ferido escada acima.

— É por isso que o sujeito deve ser levado para outro lugar; para a casa de Fremont. Ele é médico. Ou para o abrigo. Ou talvez para o vicariato. Assim Penweeble terá uma chance de demonstrar sua bondade cristã. Rá.

— O senhor tem toda razão, mas ele já está aqui — disse Lucy em tom tranquilizador. — Seria uma pena ter que movê-lo novamente.

Um dos homens na escada lhe lançou um olhar desesperado.

Lucy sorriu para acalmá-lo.

— Ele provavelmente não vai viver muito tempo, de qualquer forma. — O pai de Lucy fez uma cara feia. — Não faz sentido estragar bons lençóis.

— Prometo que os lençóis sairão dessa em bom estado. — Lucy começou a subir os degraus.

— E quanto ao meu jantar? — resmungou o pai atrás dela. — Hein? Alguém está cuidando disso enquanto todos correm para acomodar malfeitores?

Lucy se apoiou no corrimão.

— O jantar estará na mesa assim que eu conseguir deixar esse homem confortável.

O pai dela resmungou.

— Que maravilha quando o senhor da casa é preterido ao conforto de desordeiros.

— O senhor está sendo muito compreensivo. — Lucy sorriu para ele.

— Humpf.

Ela se virou e subiu a escada.

— Boneca?

A jovem olhou para baixo mais uma vez, apoiada no corrimão.

O pai franzia o cenho para ela, com as sobrancelhas grossas e grisalhas unidas por cima do nariz bulboso e vermelho.

— Tome cuidado com esse sujeito.

— Sim, papai.

— Humpf — resmungou ele novamente.

Então Lucy subiu correndo a escada e entrou no quarto azul. Os homens já tinham transferido o estranho para a cama e saíram do quarto com passos pesados assim que ela entrou, deixando uma trilha de lama.

— A senhorita não deveria estar aqui, Srta. Lucy. — A Sra. Brodie arfou e puxou o lençol para cobrir o peito do homem. — Não com ele desse jeito.

— Eu o vi com menos roupa ainda há uma hora, Sra. Brodie, garanto. Pelo menos agora ele está enfaixado.

A governanta bufou.

— Não nas partes importantes.

— Ora, talvez não — disse Lucy. — Mas acho difícil que ele possa me colocar em perigo na condição em que se encontra.

— Isso é verdade, pobre senhor. — A Sra. Brodie afagou o lençol que cobria o peito do homem. — Foi uma sorte a senhorita tê-lo encontrado. Ele teria morrido de frio durante a madrugada se fosse

deixado naquela estrada. Quem poderia ter feito uma maldade dessas?

— Não sei.

— Ninguém de Maiden Hill, creio eu. — A governanta balançou a cabeça. — Deve ter sido a ralé de Londres.

Lucy não comentou que a ralé poderia ser encontrada até em Maiden Hill.

— O Dr. Fremont disse que voltaria aqui pela manhã para dar uma olhada nas ataduras dele.

— Certo. — A Sra. Brodie olhou com ar duvidoso para o homem ferido, como se avaliasse as chances de ele estar vivo no dia seguinte.

Lucy respirou fundo.

— Até lá, suponho que possamos apenas deixá-lo confortável. Vamos deixar a porta aberta, caso ele acorde.

— É melhor eu ir preparar o jantar do capitão. A senhorita sabe como ele fica se a comida atrasa. Assim que estiver tudo pronto, mando Betsy subir para vigiá-lo.

Lucy assentiu com a cabeça. A família tinha apenas uma criada, Betsy, mas três mulheres deviam ser suficientes para cuidar do estranho.

— Pode ir. Vou descer em um minuto.

— Muito bem. — A Sra. Brodie olhou para ela. — Mas não demore muito. Seu pai vai querer conversar com a senhorita.

Lucy franziu o nariz e fez que sim com a cabeça. A Sra. Brodie sorriu em solidariedade e saiu do quarto.

Ela se virou para o estranho na cama de David, seu irmão, e se perguntou mais uma vez quem seria ele. O homem estava tão imóvel que ela precisava se concentrar para ver que o peito subia e descia. As ataduras ao redor da cabeça apenas enfatizavam sua enfermidade e acentuavam o hematoma na testa. Ele parecia solitário. Será que alguém estava preocupado com ele, talvez aguardando com ansiedade o seu retorno?

Um dos braços dele estava fora das cobertas. Ela o tocou.

A mão dele se moveu rapidamente e tocou seu pulso, capturando-o e segurando-o. Lucy ficou tão chocada que só conseguiu soltar

um gritinho assustado. E então estava fitando os olhos mais pálidos que já vira. Eram da cor de gelo.

— Eu vou matar você — falou ele com clareza.

Por um momento, Lucy pensou que aquelas palavras sinistras eram direcionadas a ela, e seu coração pareceu parar de bater no peito.

O olhar do homem foi além dela.

— Ethan? — Ele franziu a testa, como se estivesse confuso, e então fechou os olhos estranhos. Segundos depois, o aperto no pulso dela se afrouxou, e o braço caiu de volta na cama.

Lucy respirou fundo. A julgar pela dor em seu peito, era a primeira vez que ela respirava desde que o homem a agarrara. Ela se afastou da cama e esfregou o pulso dolorido. O aperto do homem fora brutal; pela manhã, ela estaria com hematomas.

Com quem ele tinha falado?

Lucy estremeceu. Não importa quem fosse, ela não o invejava. A voz do homem não tinha vestígio de hesitação. Ele não tinha dúvida de que mataria o inimigo. Ela deu outra olhada para a cama. O estranho respirava lenta e profundamente agora. Parecia dormir pacificamente. Não fosse pela dor em seu pulso, ela poderia ter pensado que todo o incidente não passava de um sonho.

— Lucy! — O grito no andar de baixo só poderia ser do seu pai.

Segurando suas saias, ela deixou o cômodo e desceu correndo a escada.

Seu pai já estava sentado à cabeceira da mesa de jantar, com um guardanapo grudado no pescoço.

— Não gosto de jantar tarde. Atrapalha a minha digestão. Passo metade da noite acordado por causa disso. É pedir muito que o jantar seja servido pontualmente em minha própria casa? É, hein?

— Não, claro que não. — Lucy se sentou na cadeira à direita do pai. — Desculpe.

A Sra. Brodie entrou carregando um rosbife fumegante, acompanhado de batatas, alho-poró e rabanetes.

— Rá. É isso que um homem gosta de ver na mesa do jantar. — Ele estava radiante ao pegar o garfo e a faca, preparando-se para cortar a carne. — Um bom bife inglês. O cheiro está delicioso.

— Obrigada, senhor. — A governanta piscou para Lucy ao voltar para a cozinha.

Lucy sorriu para ela. Agradecia a Deus por ter a Sra. Brodie.

— Agora, coma isto. — O pai lhe entregou um prato cheio de comida. — A Sra. Brodie sabe como fazer um excelente rosbife.

— Obrigada.

— O mais gostoso do condado. Você precisa de um pouco de sustança depois de ter passado a tarde perambulando por aí, hein?

— Como foi com a autobiografia hoje? — Lucy tomou um gole do vinho, tentando não pensar no homem deitado no andar de cima.

— Excelente. Excelente. — O pai dela cortou o rosbife com entusiasmo. — Escrevi uma anedota escandalosa de trinta anos atrás. Sobre o Capitão Feather e três mulheres nativas de uma ilha. Ele é almirante agora, o maldito. Você sabia que essas garotas nativas não usam nem uma... *Humm!* — Ele tossiu e a fitou, aparentemente constrangido.

— O quê? — Lucy enfiou uma garfada de batatas na boca.

— Deixe para lá. Deixe para lá. — Ele terminou de encher o prato e o puxou até onde a barriga encontrava a mesa. — Vamos dizer que, depois de tanto tempo, o velho vai arrancar os cabelos. Rá!

— Que encantador. — Lucy sorriu. Se um dia o pai dela terminasse de escrever sua autobiografia e a publicasse, haveria uma infinidade de ataques apopléticos na Marinha de Sua Majestade.

— É isso mesmo. — O pai engoliu a comida e tomou um gole de vinho. — Agora, não quero ver você preocupada por causa do malfeitor que trouxe para casa.

O olhar de Lucy baixou para o garfo que ela segurava. O talher tremia levemente, e ela torceu para que o pai não notasse aquilo.

— Não, papai.

— Você fez uma boa ação, é uma boa samaritana e tudo o mais. Exatamente como sua mãe a ensinou com a Bíblia. Ela aprovaria sua atitude. Mas não se esqueça — ele espetou o garfo em um rabanete — de que eu já vi ferimentos na cabeça antes. Algumas pessoas sobrevivem. Outras, não. E não há nada que você possa fazer.

Ela sentiu o coração afundar no peito.

— Você acha que ele não vai sobreviver?

— Não sei — rosnou o pai, impaciente. — É isso que estou dizendo. Talvez sim. Talvez não.

— Entendo. — Lucy cutucou um rabanete e tentou não deixar as lágrimas rolarem.

O pai bateu a palma da mão na mesa.

— É justamente sobre isso que estou falando. Não se afeiçoe a esse vagabundo.

Um canto da boca de Lucy se ergueu.

— Mas você não pode evitar que eu tenha sentimentos — falou ela delicadamente. — Vou me afeiçoar, não importa se quero ou não.

O pai dela franziu a testa com ferocidade.

— Eu não quero que você fique triste se ele bater as botas no meio da noite.

— Vou fazer o possível para não ficar triste, papai — prometeu Lucy. Mas ela sabia que era tarde demais para isso. Se o homem morresse à noite, ela choraria na manhã seguinte, com ou sem promessa.

— Humpf. — O pai voltou para o prato. — Isso basta por enquanto. Mas, se o sujeito sobreviver, guarde minhas palavras. — Ele ergueu o olhar e a fitou com os olhos azul-celeste. — Se ele pensar em tocar em um único fio de cabelo da sua cabeça, joga o traseiro dele na sarjeta.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Trilogia dos Príncipes 3 - O príncipe..."
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).